

CONVERSAÇÕES . . .

ABRIL 2010

VOL. II, NO. 1

...com Ivone Gebara, SP



Ah meu Deus! Eu sei, eu sei
Que a vida devia ser bem melhor e será
Mas isso não impede que eu repita:
É bonita, é bonita, e é bonita...

"O que é, o que é?" – Samba de Gonzaguinha



A esperança é uma coisa alada Que vive na alma empoleirada, E canta uma canção sem palavras, Que nunca pode parar...
- [Emily Dickinson]

Paz e bem a todos vocês neste tempo de Páscoa!

Continuamos nossa série de conversações e entrevistas,

explorando o significado

mais profundo da

diretriz do nosso

Enunciado da Diretriz do Capítulo Geral de 2008 das Irmãs Franciscanas dos Pobres

Capítulo Geral – *“Gerar compaixão e esperança na Comunidade da Vida”*.

Esta conversação é com Ivone Gebara, SP, uma brasileira Irmã de Nossa Senhora (Canonistas de Sto. Agostinho), que é uma das teólogas líderes da América Latina. Autora de *Ansiando por Água Corrente: Eco-*



Ivone Gebara, SP

feminismo e Libertação, Gebara comunica uma perspectiva eco-feminista. É unida com os mais oprimidos, que no seu contexto significa mulheres pobres em favelas urbanas. Ivone Gebara vive em um bairro pobre em Camaragibe, Brasil.

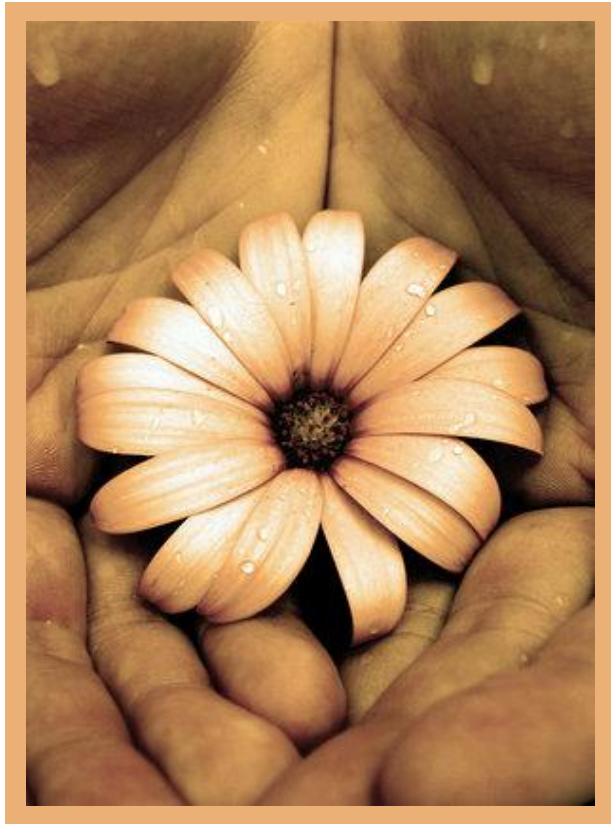
Esperamos que vocês visitem o nosso site frequentemente e convidamos a todos para se unirem a nós na missão de gerar compaixão e esperança na Comunidade da Vida.

Irmã Tiziana Merletti, sfp
Ministra Congregacional
e Conselho

A partir da perspectiva de uma mulher teóloga, como você define a palavra ESPERANÇA?

Esperança é um sentimento e uma virtude enraizada no ser humano que se expressa no desejo ou na aspiração de uma qualidade de vida melhor em diferentes formas e segundo as diferentes situações vividas. É uma realidade constitutiva do ser humano que está presente em todos nós. Por isso mesmo foi considerada pelas antigas comunidades cristãs como uma virtude teologal, isto é, uma virtude que é dom de Deus para os seres humanos e uma força que faz parte da nossa existência histórica. Nesse sentido, a esperança não pode ser pré-definida, mas acompanha os seres humanos na sua unidade e diversidade e em suas expressões múltiplas.

Podemos dizer que existe uma explicitação feminina da esperança e uma explicitação masculina, condicionadas à experiência de cada ser humano. Isto não significa que não possamos ter esperanças comuns e que a distância entre uma e outra seja muito grande. Entretanto **historicamente foram os homens que impuseram sua forma de entender a esperança cristã.**



No nosso mundo tão fragmentado pelas forças da guerra, da violência e dos desastres naturais, como você nos vê sendo chamadas enquanto Comunidade da Vida para os outros?

Foram eles que às vezes determinaram que nossa esperança se realizaria nos céus e, outras vezes, nos limites da História.

As mulheres tiveram pouca chance de explicitar suas esperanças publicamente, sobretudo no que se referia à direção do mundo e à direção da Igreja. **Hoje, em pleno século XXI estamos assistindo a um interessante fenômeno de irrupção das mulheres na vida social e política, na Teologia e na Igreja tentando resgatar a esperança das mulheres.**

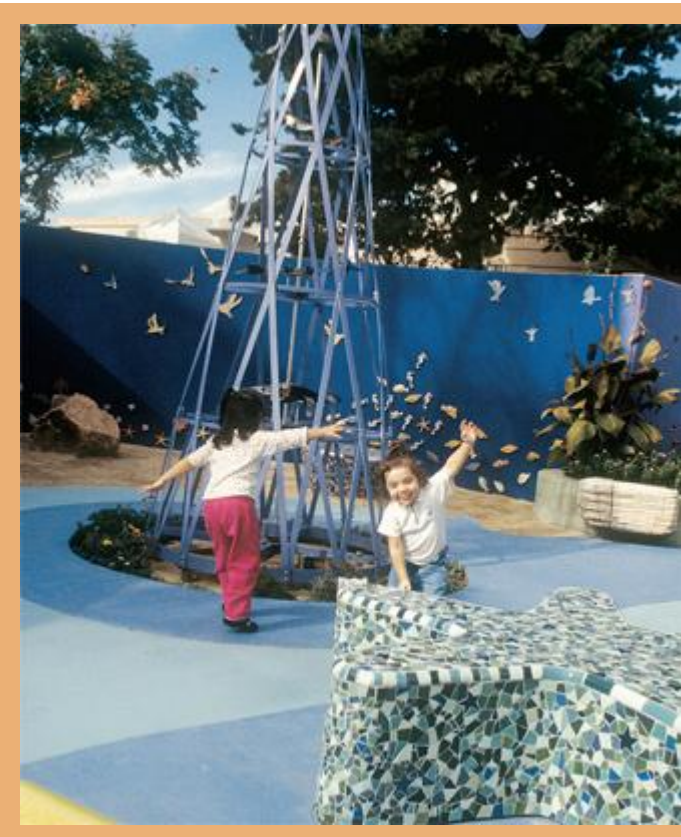
Em grandes linhas estamos convencidas que a justiça do Reino de Deus não se fará através dos regimes autoritários e nem das leis pré-definidas impostas por regimes políticos ou mesmo pela autoridade eclesiástica. Nossa aspiração fundamental é como a de Maria, a mãe de Jesus, ou seja, a esperança que *“depôs poderosos de seus tronos e a humildes exaltou”* porque tronos e dominações não são capazes de produzir, em nós, o amor e a justiça.

Nossa esperança é vivida na Visitação e no apoio entre as pessoas, na partilha do pão e da terra, na alegria porque “uma filha nos nasceu” ou ainda, porque “uma cega é capaz de ver, e uma parálitica, de andar”. Nossa esperança é que não matem nossos filhos na guerra e não violentem nossas filhas como alvos dessa mesma guerra. Nossa esperança

é que respeitem nossos corpos e nossas escolhas e que tenhamos o direito de pensar nossa vida e até de errar sem que nos atirem pedras.

Cada povo explicita a partir de seus próprios condicionamentos o sentido e o conteúdo da sua esperança. Assim também, **em cada povo, as mulheres sentem a vida a partir**

Você escolheu viver numa região do Brasil permeada por uma pobreza muito tangível. O que essa experiência lhe ensinou sobre a “Comunidade da Vida”?



Crianças brincando

de seu corpo e explicitam suas esperanças para hoje e para amanhã. E é preciso deixar que essa esperança se manifeste e se afirme como uma contribuição feminina para a construção do mundo.

A expressão Comunidade da Vida é relativamente recente. Inclui a dimensão da pertença humana ao conjunto da criação ou às diferentes expressões da vida. Através dela ultrapassamos o antropocentrismo que nos

caracterizava e passamos a perceber nossa íntima relação com os diferentes e complexos sistemas de vida. Não somos, como seres humanos racionais, superiores às outras formas, mesmo sendo capazes de pensá-las. **Na realidade interdependemos**



uns dos outros e somos corpo uns dos outros apesar da nossa individualidade.

A Comunidade da Vida é composta de uma quantidade imensa de seres que sustentam a

própria vida. Sem água, morremos. Sem ar, perecemos. Sem alimentos bem cultivados, não podemos nos sustentar. Sem a diversidade de animais, aves, peixes, insetos e plantas, a vida vai se extinguindo. Essa interdependência mostra igualmente nossa interdependência em relação a todos os povos da terra e é da sua riqueza diversa que nos sustentamos na própria vida.

Segundo você, qual é o senso de comunidade pelo qual o nosso mundo está ansiando?

Vivo no nordeste do Brasil. É desde esse lugar de clima quente e cheio de enormes desafios que sinto o quanto estamos ainda longe de construir comunidades de vida com o conjunto da criação. Por exemplo, uma das coisas negativas que mais me

impressiona no meu bairro é a falta de cuidado com as coisas públicas. A grande maioria das pessoas não tem cuidado com as ruas. Joga lixo e sujeira acreditando que cabe apenas à Prefeitura a responsabilidade de limpar a cidade. A consciência de que cada um de nós é cidade – isto é, que é a cidadã e o cidadão que formam a cidade – ainda parece muito distante de nós. Somos excelentes para ver a palha no olho de nosso irmão ou irmã, mas dificilmente enxergamos nossos próprios limites e a absoluta necessidade de assumirmos a responsabilidade sobre o nosso corpo social.

Nesse sentido, a responsabilidade das Igrejas deveria ser mais assumida no sentido da promoção de processos educativos que visem a construção e manutenção da Comunidade da Vida. Os processos educativos que elevam a consciência da interdependência de tudo com tudo ainda são bastante incipientes. Deveríamos assumi-los muito mais em todas as nossas atividades nas diferentes organizações às quais pertencemos.

Hoje se tornou muito difícil ter clareza sobre o sentido da palavra comunidade. Muita gente quer comunidade, mas o fato de vivermos em uma sociedade marcada pelo individualismo nem sempre o que chamamos de comunidade corresponde à vivência de valores em vista do bem comum.

Penso que a criação de uma comunidade deve ter em vista o mundo exterior a ela e que igualmente deve ser direcionada a ela mesma. Em outros termos, a comunidade é uma escolha de vida em comum. Não significa que necessariamente tenhamos que viver debaixo do mesmo teto, mas que nos organizemos em vista de um objetivo, **uma**



Pôr-do-sol em Camaragibe, Pernambuco

finalidade, uma missão que tente favorecer o bem comum.

Estou convencida de que precisamos construir pequenas comunidades em torno de objetivos imediatos urgentes. Não é mais “a comunidade pela comunidade” embora possamos acolher e até promover o valor da vida comunitária. Entretanto, se não houver um objetivo preciso, correremos o risco de nos fecharmos sobre nós mesmas e, pouco a pouco, nos destruímos com as pequenas dificuldades ou intrigas do dia-a-dia. Não estou necessariamente pensando em comunidades religiosas, embora também não as exclua da necessidade de rever seus objetivos comunitários.

Creio que chegou a hora de nos abirmos à construção de comunidades mistas e plurais, a partir de objetivos precisos e segundo as necessidades do momento. Nessa perspectiva, é preciso não ter a pretensão de realizar grandes coisas. **É preciso ousar começar pelo pequeno para ir se treinando para algo maior.** Por exemplo, que um grupo de pais e mães tente fazer um trabalho conjunto para melhorar uma escola

pública; que se proponha um núcleo num bairro para se fazer a coleta seletiva de lixo; que se organizem brigadas de limpeza nos bairros; que se preparem liturgias mais inclusivas...

É claro que escrevo a partir do meu contexto de vida, ou seja, o de um bairro popular. Mas estou convencida de que outras idéias poderão nascer nos bairros de classe média e nas diferentes atividades das classes mais abastadas. Conversarmos com as pessoas, sermos capazes de ouvi-las antes de dar-lhes respostas, e começar alguma atividade em conjunto são passos possíveis de serem dados.

Nessa linha, precisamos acolher o fato de que não temos respostas para tudo e que finalmente a Comunidade da Vida é bem maior e mais criativa do que todas as nossas boas idéias. Podemos fazer algo, mas não podemos fazer tudo o que imaginamos. Temos que sair de certa onipotência e de certo perfeccionismo no qual fomos educados e acolher a vida com seus paradoxos pequenos e grandes. Desenvolver esta atitude nos ajuda a sermos mais humildes e constantes em tudo o que fazemos.

A vida nos convoca hoje a sermos capazes de assumir a nossa responsabilidade nela, uma responsabilidade amorosa de quem é capaz de acolher suas maravilhas e mesmo suas crueldades. E, finalmente, precisamos ser capazes de sempre cantar com o povo:

Ah meu Deus! Eu sei, eu sei
Que a vida devia ser bem melhor e será
Mas isso não impede que eu repita:
É bonita, é bonita, e é bonita...

“O que é, o que é?” – Samba de Gonzaguinha

Aqui vão algumas perguntas para sua reflexão:

Segundo Irmã Ivone, existe hoje no mundo uma “irrupção das mulheres na vida social e política, na Teologia e na Igreja, tentando resgatar a esperança das mulheres”. Você está percebendo algum sinal disso nas circunstâncias da sua própria vida?

O que é possível fazer, individual e coletivamente, para responder ao profundo desejo de comunidade que as pessoas têm? Poderia dar exemplos?

Quais são os seus mais fervorosos desejos de comunidade?



. . . CONVERSACÕES